

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Rejane dos Santos Torres

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO UTILIZADAS PELAS
PROFESSORAS, DAS TURMAS DE CINCO ANOS, DA UMEI JOSÉ ISIDORO
FILHO**

Belo Horizonte
2015

Rejane dos Santos Torres

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS, DAS TURMAS DE CINCO ANOS, DA UMEI JOSÉ ISIDORO FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^a Maria Carolina da Silva Caldeira

Belo Horizonte

2015

Rejane dos Santos Torres

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS, DAS TURMAS DE CINCO ANOS, DA UMEI JOSÉ ISIDORO FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Prof^a Maria Carolina da Silva Caldeira

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Maria Carolina da Silva Caldeira – FaE/ UFMG

Prof^a Lívia Maria Fraga Vieira – Professora da FaE/UFMG e coordenadora da área de múltiplas linguagens na Educação Infantil do Laseb.

DEDICATÓRIA

À minha Orientadora Maria Carolina que teve tanta paciência e que não me deixou desanimar no meio da jornada.

AGRADECIMENTOS

À minha família que entendeu a minha ausência em certos momentos.

À minha Orientadora que, pacientemente, entendeu os meus conflitos.

À minha colega de trabalho que se dispôs a participar desta pesquisa. À direção e coordenação que tanto contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Às crianças que participaram indiretamente do meu processo de crescimento profissional.

À Flávia Luzia, minha prima, que me auxiliou nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Este estudo apresenta como as duas professoras das turmas de cinco anos da Instituição UMEI “José Isidoro Filho” da regional Barreiro – BH/ MG trabalharam na sala de aula com a alfabetização e o letramento junto aos seus alunos no ano de 2014. Por meio de entrevista e análise das atividades registradas no caderno dos alunos foi investigado que atividades se vinculavam ao letramento e quais se referiam à alfabetização na construção da prática pedagógica das mesmas. É direito da criança que se trabalhe com ela a leitura e a escrita de forma a garantir a vivência plena da infância. Compreendo a alfabetização como o ato de ensinar a ler e escrever e o letramento como as práticas sociais da leitura e escrita. Notou-se que há um predomínio de atividades de alfabetização nas turmas pesquisadas, ainda que não se busque explicitamente alfabetizar. Com base na percepção de que havia um foco na alfabetização, foi desenvolvido um projeto de trabalho com as crianças onde todas participaram ativamente da elaboração de bilhetes, cartazes e cartas fazendo, assim, o uso social da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização – Letramento – Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2 HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO.....	11
2.1 Marco situacional	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 Concepção de infância.....	14
3.2 Concepção de linguagem escrita.....	17
3.3 Concepção de Alfabetização e Letramento.....	19
4. ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA “MARLENE”	21
5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DAS DUAS PROFESSORAS, DIFERENCIANDO ALFABETIZAÇÃO DE LETRAMENTO.....	23
6 PLANO DE AÇÃO.....	26
7 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	38

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema Alfabetização e letramento na Educação Infantil justifica-se plenamente, dada a importância da leitura e da escrita que envolve todos os aspectos da existência humana e por vivermos imersos no mundo de símbolos, atribuindo sentido à vida, à natureza e à cultura, onde a criança está inserida.

O objetivo deste estudo monográfico é buscar identificar quais as práticas de alfabetização e de letramento foram utilizadas nas duas turmas de cinco anos, da Instituição UMEI “José Isidoro Filho” da regional Barreiro – BH/ MG.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa que, segundo Lüdke (1986): “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (LÜDKE, 1986, p.11). O objeto desta pesquisa foram as atividades dos cadernos das crianças. Foi utilizada uma metodologia que faz uso de duas fontes de informação: entrevista com uma das professoras e análise das atividades dos cadernos das crianças das duas turmas pesquisadas.

Com o intuito de analisar as práticas de alfabetização e letramento utilizadas pelas duas professoras recolhi atividades, dos cadernos das crianças, que me chamaram a atenção contribuindo assim, na investigação sobre quais atividades se vinculavam ao letramento e quais se referiam à alfabetização, utilizei então, a observação participante que tem como característica a participação do pesquisador no grupo que de fato ele pertence ou integra-se ao mesmo (LAKATOS, 2003).

Também fiz uma entrevista com a Professora ‘Marlene’¹ onde pudemos aprofundar e conversar mais sobre o assunto de forma mais sistematizada e direcionada por uma entrevista não estruturada. Para analisar a importância atribuída pela professora às atividades propostas por ela aos alunos utilizei como instrumento esse tipo de entrevista porque com ela o entrevistador tem liberdade de fazer comentários ampliando alguma questão e o entrevistado pode expressar suas opiniões e também sentimentos (LAKATOS, 2003).

¹Nome fictício

Incomodada com as atividades, quase que puramente de alfabetização, procurei ficar atenta às falas das crianças para poder fazer meu plano de ação e poder intervir no meu processo de ensino. Assim, em um dia durante uma atividade corriqueira de alfabetização, de repente uma aluna interrompe a aula com uma frase que, para a professora, pareceu isolada e sem conexão com o que estava sendo aplicado no momento. Durante uma atividade sobre alfabeto, quanto ao número de letras que o compõem, para que servem as letras e sobre a importância do uso da escrita, uma aluna falou: “Minha galinha botou três ovos”. Registre a fala e expliquei quanto à importância do registro da escrita.

A partir da discussão em sala surgiram vários comentários sobre galinha. Percebendo essa curiosidade dos alunos, propus para a turma que iniciássemos uma pesquisa sobre o tema, registrando o que já sabíamos e o que queríamos saber sobre essa ave doméstica. Assim se iniciou o projeto “A galinha dos ovos azuis”

Para referencial teórico busquei conceituar o processo de alfabetização e de letramento. Como afirma Tfouni

[...] a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um sujeito ou grupo social, enquanto o letramento focaliza os aspectos sócio – históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, referindo-se, ainda, ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. (TFOUNI,1995 *apud* PEREZ e ARAUJO,2011, p.120).

A alfabetização é um fator essencial para inclusão do ser humano na sociedade como um todo, pois é a apropriação dos códigos de leitura e escrita utilizados em várias culturas. O letramento é um elemento tão importante quanto é a alfabetização para o desenvolvimento infantil, já que ele se refere ao uso social que será feito das práticas escritas. Para finalizar, apresento meu plano de ação e diálogo com o meu objeto de estudo através da análise baseada em autores que tratam do tema.

Para desenvolvimento desta monografia, o trabalho está dividido em seis partes. No 1º capítulo apresento a introdução. No 2º o histórico da instituição. No 3º capítulo apresento os conceitos de infância, cultura escrita, alfabetização e letramento. No 4º capítulo faço a análise da entrevista com a professora Marlene, no 5º a análise das atividades dos cadernos dos alunos. O 6º traz o plano de ação e para encerrar trago as considerações finais.

2. HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO

A população brasileira tem valorizado mais a escolarização infantil à medida que a oferta tem aumentando, também. Pois cada dia tem mais crianças frequentando as Instituições de Educação Infantil. Com isto as pessoas têm percebido que a criança que vai à escola tem outras compreensões, outros valores e que a escola amplia a sua cultura na interação do professor e aluno e entre as crianças.

As famílias têm percebido que as crianças que frequentam uma Instituição de Educação Infantil desde novas, ou seja, desde bebês apresentam um desenvolvimento diferenciado das que são limitadas ao convívio somente familiar. É na escola que a criança tem a possibilidade de experimentar situações que, isolado em sua casa somente convivendo com os seus pais e ou com alguns familiares, não tem como vivenciar. A criança convivendo com os seus pares tem a possibilidade de interagir, sentir, se expressar, trocar experiências, confrontar idéias tanto com os colegas como com os adultos que frequentam tal ambiente escolar.

Com o quadro de trabalhador estando em constante transformação e aumentando cada dia mais o número de mulheres nas fábricas, lojas, etc. foi necessária a criação de creches, que são locais onde as famílias podem deixar os seus filhos pequenos para poder trabalhar. Isso justifica a criação e ampliação das instituições de educação infantil.

Com o tempo e tomada de consciência a população tem exigido não só quantidade e também a qualidade das escolas.

Passando para a década de 1960 observa-se a entrada de outra corrente de pensamento nas creches, os discursos pedagógicos baseados nas teorias de privação cultural e da sua solução a educação compensatória. Mas o que significa isso? A tese da privação cultural baseava-se na idéia de que só havia um modelo de criança: a da classe média, e assim, as outras crianças desfavorecidas economicamente comparada a estas crianças-modelo eram consideradas “carentes” e “inferiores”. Achava-se que faltavam para elas determinadas atitudes e conteúdos, por isso, era consideradas “privadas culturalmente”. Seguindo este raciocínio, a solução encontrada era a da educação compensatória, ou seja, a creche e a pré-escola iriam suprir todas essas carências. Colocava-se a pré-escola como responsável pela mudança social do País, e sabemos muito bem que esta transformação social é complexa, e exige um conjunto de mudanças de caráter político e econômico que não se resume na escola. (SEBASTIANI, 2003, p.35)

2.1 Marco situacional da UMEI José Isidoro Filho

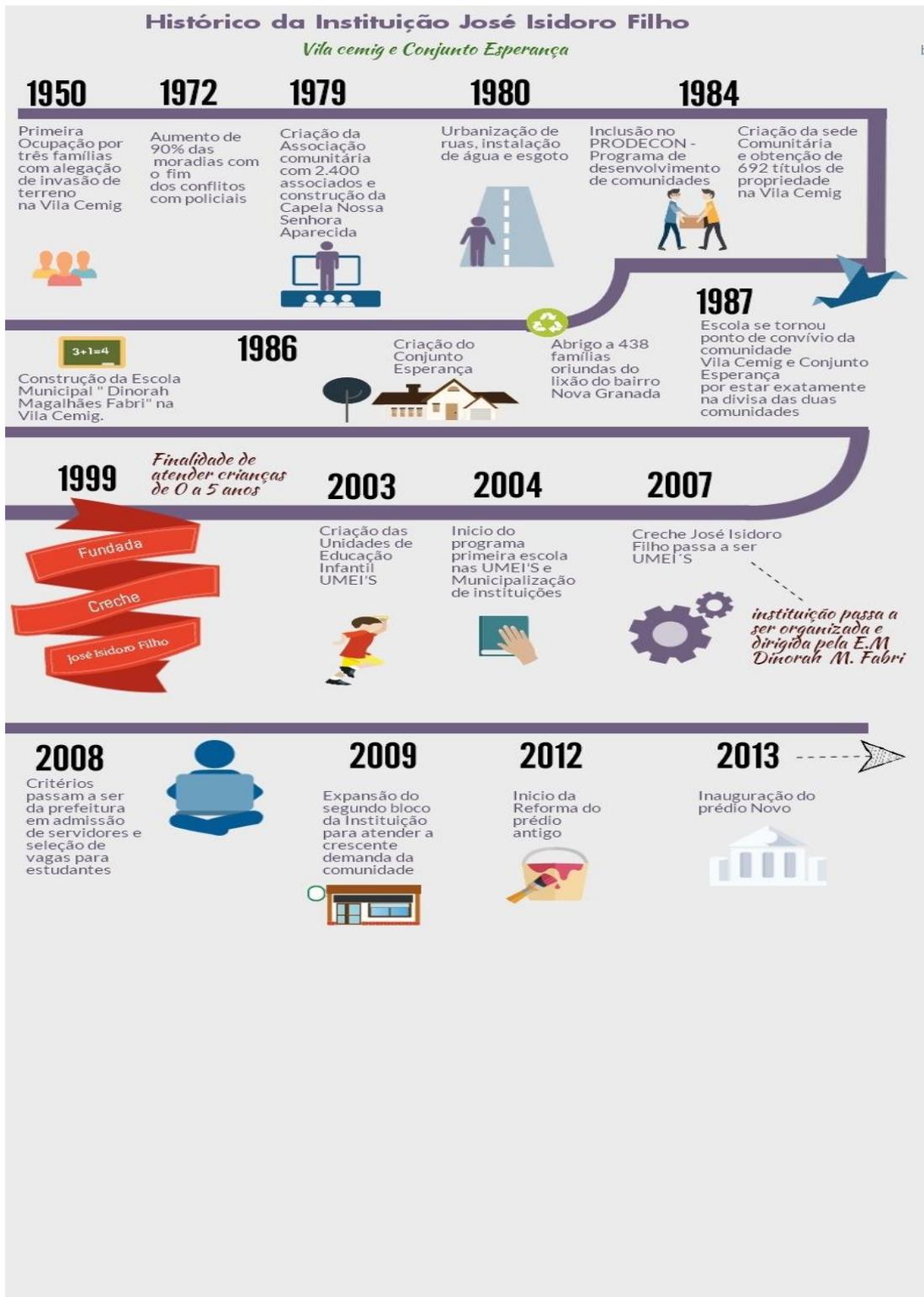
Os moradores da Vila Cemig lutaram por uma escola para seus filhos nas décadas de 60 e 70. Período este que toda a população brasileira estava se transformando e inserindo a mulher no mercado de trabalho.

Segundo moradores mais antigos da comunidade, a área ocupada pela vila pertencia à antiga Fazenda Bonsucesso. A área verde que possuía várias nascentes de água era um atrativo para as pessoas e serviam como referência de localização, já que, a princípio, não havia ruas na Vila.

A Vila Cemig está localizada na regional Barreiro, em Belo Horizonte, sendo vizinha dos Bairros: Flávio Marques Lisboa e Conjunto Esperança. A Vila recebeu este nome, dado pelos moradores, devido a subestação de luz da CEMIG, próximo ao local.

A Unidade Municipal de Educação Infantil “José Isidoro Filho” faz parte da Escola Municipal “Dinorah Magalhães Fabri”. Ambas são escolas da rede municipal de Belo Horizonte, localizadas no Conjunto Esperança da Vila Cemig.

A história da instituição pode ser vista no infográfico a seguir.



Fonte: Projeto Político Pedagógico da UMEI "José Isidoro Filho" 2013

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Concepção de infância

Infância é uma idéia, sentimentos, impressões do mundo, uma fase da vida que está em constantemente sendo elaborada. A criança era vista como um adulto em “Miniatura”. Na Idade Média, elas se portavam como adultos, com os mesmos hábitos e costumes. Ariès (1978, p, 50) afirma “é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

Estas crianças medievais não tinham sua personalidade integral reconhecida, nasciam e desapareciam (a mortalidade era enorme nesta época) sem muitas explicações, tratadas como bichos engraçados até os dois anos, depois se perdiam entre os adultos (ARIÈS, 1978).

A escolarização e suas práticas pedagógicas foram adotadas no final do século XVI, período que a Europa Ocidental estava à beira das sociedades industriais, ou seja, na Idade Moderna. Nesse momento, foram determinadas as “fases da vida”, com uma expressiva separação entre crianças e adultos, que resultou na mudança da condição da família na sociedade. Como afirma Zabalza (1998, p. 64) “somente nas páginas do álbum correspondentes ao século XX reconhece-se à infância a identidade de sujeito social, sujeito de direitos”. Ainda segundo Zabalza (1998), surge assim a família moderna tornando a infância como o centro do interesse educativo dos adultos.

Assim então, o tortuoso e árduo caminho que leva à liberação-emancipação da infância (à conquista da sua identidade social) será reconhecido oficialmente como caminho de educação (tendo direito a nome e sobrenome) somente a partir do momento da máxima expansão da revolução industrial. (ZABALZA, 1998, p. 64).

Após a familiarização, as crianças passam a ser protegidas de vários assuntos e questões, principalmente relativas à sexualidade. Nesse período, surgiram discursos variados preocupados com essa questão, por inúmeras transformações que emergiram tanto na cultura, economia, social e política. Com a mudança do lugar da família na sociedade, surge o conceito de família nuclear, onde pai, mãe e filhos têm seu papel definido. Com isso “a criança torna-se personagem “essencial” no processo de transformação da família”. (ZABALZA, 1998, p. 66)

Estruturou-se o conceito de infância, onde a criança passou a aprender novos conceitos, não por convivência com adultos e sim orientados por uma nova instituição: a escola.

No texto “O currículo na educação Infantil: O que propõem as novas diretrizes nacionais?”, Oliveira salienta que a Educação Infantil no Brasil tem apresentado um movimento em direção a expansão de matrículas, mesmo que ainda tímida, em relação a alcance das metas do Plano Nacional de Educação de 2001. Também está ocorrendo uma grande mudança sobre a concepção de criança, seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e sobre a forma como hoje é compreendida a função social e política desse nível de ensino.

Em 1988, foram incluídas na Constituição Federal, as creches e pré-escolas no sistema de ensino, constituindo a formação da Escola Básica, primeiro por estas novas etapas, depois pelo Ensino Fundamental e por último pelo Ensino Médio.

Já ocorreram progressos na área de Educação Infantil como a ascensão do nível de formação dos educadores, mas ainda é preciso que haja instrumentos que dialoguem com o trabalho pedagógico realizado ao longo das etapas da Educação Básica, sem que nenhuma sobreponha à outra.

Por isso, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) vem destacar a necessidade de compor e preparar ações educativas com qualidade, articulando com a valorização do papel dos professores que atuam de 0 a 5 anos.

As DCNEI são instrumentos que orientam a organização das atividades do dia a dia das instituições de Educação Infantil. Os objetivos gerais das Diretrizes Curriculares são: Usufruir direitos (é direito de todos ter acesso ao ensino público); integrar escola e família; promover a igualdade de oportunidades educacionais e construir novas formas de sociabilidade. Lembrando que um currículo é regido primeiramente pela Constituição Federal- Leis de Diretrizes e Base – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e por fim é elaborado na Instituição de Educação Infantil por meio do seu Projeto Político Pedagógico.

Nele há participação de toda a comunidade escolar, que orienta as ações da instituição. Esse documento define as metas e é um poderoso instrumento político que amplia possibilidades e garante determinadas aprendizagens, consideradas as mais importantes em dado momento histórico para aquele grupo.

Para planejar o seu cotidiano, as unidades de Educação Infantil são orientadas por um conjunto de princípios que são: Os princípios éticos – pautados no respeito, valorização da autonomia. Princípios políticos – garantem, entre outros, o direito de cidadania. E os princípios estéticos – vão enfatizar a valorização da sensibilidade, da manifestação artística e cultural.

Os subsídios para a elaboração do currículo na educação infantil são pautados na concepção de criança com centro de tudo. Logo se faz necessário levantar alguns pontos que provêm algumas condições para a organização curricular das instituições de Educação Infantil.

Segundo as Diretrizes elas devem assegurar o cuidado, o combate a toda forma de discriminação, conhecimento da pluralidade cultural, atentar para as violações da dignidade da criança, qualidade e inclusão.

Quanto à avaliação e a continuidade dos processos de aprendizagem das crianças, as diretrizes consideram que ela deve ser processual, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação sem retenção.

Portanto, Oliveira mostra que é possível ver hoje muitas escolas dialogando com as Diretrizes possibilitando, assim a aproximação com as suas práticas pedagógicas.

3.2 Concepção de linguagem escrita

Pensando em pesquisar as práticas de alfabetização e letramento das professoras das turmas de cinco anos da Umei "José Isidoro Filho" percebi que havia um trabalho sério pela frente. Há uma discussão, entre as professoras, da rede de Belo Horizonte sobre se devemos ou não alfabetizar na educação infantil.

Logo vejo que não se deve fazer esta pergunta, já que acredito que é possível sim alfabetizar as crianças nesta etapa da vida. Só temos que ter o cuidado de saber como fazer. Para não desperdiçarmos a possibilidade grande que temos já que as crianças estão como, 'esponjas' preparadas para 'sugar' tudo; abertas a aprender, como uma casa de janela aberta para receber o sol, ou seja, o que há de melhor. Nesse caso, cabe à escola lhe oferecer o que há de melhor, como é no caso do processo da construção da linguagem. As crianças vão significando objetos, atividades as pessoas, de modo diferente e vão aprendendo que uma mesma coisa pode ter vários sentidos, elas são capazes de compreender complexamente o que não é linear.

Para se falar de alfabetização ou letramento é necessário falar de linguagem. É a linguagem que constrói a consciência e que nos constrói como sujeitos conscientes, coletivos, porque a interação é fundamental na constituição de qualquer pessoa. As crianças precisam interagir para poderem se desenvolver como sujeitos sociais.

É com a linguagem que as crianças vão conhecendo o mundo e tomando consciência das suas necessidades. Começam a externar isto de várias maneiras por meio de sinais, de símbolos e palavras. Até que elas vão ganhando o mundo da linguagem verbal junto com as outras linguagens.

A escola é espaço para a ampliação da cultura, assim se expande a todas as linguagens, na interação da professora com o aluno, ou seja, da interação do adulto com a criança, falo adulto, pois na escola a criança tem contato com vários outros adultos não só com a professora. Sobre linguagem escrita Batista (2010) apresenta os seguintes pressupostos:

1 A educação infantil possui uma identidade própria constituída a partir das características das crianças, que são os sujeitos para os quais ela se destina, e da sua

forma de se relacionar com o mundo e de construir sentido para o que experimentam. O trabalho com a linguagem escrita na educação infantil deve respeitar a criança como produtora de cultura.

2 O termo linguagem escrita, neste texto, refere-se às produções que se realizam por meio da escrita e aos resultados do uso social que se faz desse objeto do conhecimento.

3 A brincadeira, forma privilegiada de a criança se manifestar e produzir cultura, é o elemento central para a constituição da ação educacional e deve ser entendida como fonte de conhecimento sobre a criança e sobre o processo de apropriação e de produção de cultura. Entendendo a criança como um sujeito de direitos, a creche e a pré-escola devem ser espaços de garantia do direito à brincadeira. (BATISTA, 2010, p. 2)

A escrita faz parte do universo infantil, é um objeto do conhecimento e de comunicação que a humanidade criou. Os pequenos interagem entre si, com os livros e outras formas de escrita, logo, não dá para negar a elas o direito de aprender a ler e escrever. A escrita é uma expressão cultural, uma forma de interlocução que as crianças vão se apropriar para buscar entender melhor o mundo e com ele se relacionar.

Portanto, por acreditar que a leitura e a escrita fazem parte do direito da criança na primeira infância, saliento que devemos respeitar o tempo de cada uma, mas não negando a oportunidade de vivenciar, experimentar, interagir com os elementos que a cerca. Pois a criança é um ser curioso, investigativo, sedento de conhecimento e que está constantemente interessada em compreender o mundo em que ela está inserida e, por isso, ela é sim produtora de cultura já que está envolvida e interagindo permanentemente com as diversas produções culturais do mundo em que vive.

3.3 Concepção de Alfabetização e Letramento

Letramento é uma palavra que pode trazer diferentes significados, de acordo com a óptica, que pode ser da antropologia, psicologia ou da pedagogia. No Brasil a palavra e conceito foram introduzidos relacionados à aprendizagem da língua escrita no início da escolarização.

Como falar de letramento sem antes falar da alfabetização? A mesma se inicia na vida da criança bem antes do que imaginamos. O ser humano está inserido num mundo grafocêntrico, para todo lado que formos, veremos a escrita presente na nossa cultura. Ela é uma forma de nos expressarmos, assim como são os gestos e palavras.

A alfabetização é ter o domínio da leitura e escrita, também falamos que é o ato de codificar e decodificar palavras. Soares (2006) apresenta uma definição para alfabetizado “[...] nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever [...]” (p.102). O alfabetizado teria que ter domínio das técnicas de leitura e escrita, mas isto era pouco para a sociedade moderna.

A palavra e o conceito como são utilizados hoje em dia associados à alfabetização teve início no Brasil por volta da década de oitenta. Fazem parte do reduzido número de autores que iniciaram essa referência a letramento, segundo Soares (2006) – Mary Kato e Leda Verdiani Tfouni.

Como a alfabetização estava começando a ser considerada somente um domínio mecânico da leitura e escrita, começou a dar espaço para a nova expressão, o letramento que é:

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas de leitura e escrita – O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 2006, p. 39)

Concluo que o letramento é uma ampliação do conceito de alfabetização, sendo que, na escola os dois andam juntos. Saliento que, na educação infantil, a alfabetização não é a prioridade, mas letrar é uma necessidade. Logo um aluno que não domina a tecnologia da

escrita e da leitura pode sim fazer uso social da mesma. É preciso, para isso, haver um sistema mais amplo da dimensão da escrita.

Portanto, devemos deixar as crianças usar se possível o computador. Oferecê-las livre acesso a livros, revistas, rótulos, bula de remédio, receitas, manuais, listas diversas entre outras formas de escrita a fim de incorporar significativamente a postura e hábitos de uma pessoa letrada. Pois, tão logo este aluno se tronará um leitor.

4. ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA “MARLENE”

A entrevista foi realizada com professora Marlene dentro da sala de aula dela. Pois não havia horário que pudéssemos nos encontrar com mais calma. A professora deixou as crianças brincando com os objetos do baú para poder me dar atenção e também para não deixá-los fazendo alguma atividade sem orientação.

Iniciei a entrevista perguntando para a docente o que é letramento. Ela me respondeu dando exemplo, falando como ela trabalha com o letramento, mas não conceituou. Ela acredita que “ele ajuda no processo da alfabetização”, mas não diferenciou alfabetização de letramento.

Em seguida, perguntei para ela qual a importância que ela dá para o letramento. A professora diz que da importância sim para o letramento já que ele está presente o tempo todo em nossas vidas e na escola em todo lugar que formos teremos contato com letras, números, até gráficos. Pois na concepção dela o letramento não é só o uso e conhecimento de letras e sim de todos os signos utilizados por nós do dia a dia.

Perante a pergunta sobre qual a importância que ela dá para a alfabetização. Eu me surpreendi com uma parte da resposta, quando ela fala que

“Eles Têm o momento de brincar, dos jogos, brincadeiras, da música, da roda do bate papo com as crianças, da convivência com os colegas, aprender a respeitar os colegas. Tudo isto tá dentro do contexto de alfabetização. (trecho da entrevista com a professora Marlene, 2014)

Também concordo com ela, mas esperava que uma fala como essa fosse aparecer nos momentos que estivéssemos falando de letramento. Talvez isso ocorra porque eu estou, como afirma Soares (2006) que a alfabetização se limita somente a codificar e decodificar, enquanto a professora trabalha sem fazer uma distinção clara entre alfabetização e letramento.

Além disso, pode-se inferir que a professora Marlene quis deixar claro que, na educação infantil, não ficamos só alfabetizando ou exercendo “as práticas sociais que usam a escrita”. (SOARES, 2006. p.47), porque na escola as crianças fazem outras coisas também, como ela mesma falou. Talvez, a professora tenha procurado dar visibilidade a essas outras práticas que são extremamente importantes no desenvolvimento das crianças.

Percebi que houve uma falha na elaboração do questionário por não fazer uma pergunta direta sobre o que é alfabetização. Mas no contexto geral da entrevista, se percebe que a concepção dela se assemelha a minha. Por achar que a alfabetização se inicia ali na educação infantil e terá continuidade no Ensino Fundamental e que também é sim codificar e decodificar.

Em relação a quais os tipos de atividades de alfabetização ela usa, foi bastante interessante, pois não se percebe atividades cansativas de repetição ou sem contexto. Ela trabalha com o nome das crianças e dos seus colegas, aprofundou um pouco mais que eu na minha sala, já trabalhando o nome todo deles. Eles trocam as fichas e escrevem os nomes dos colegas.

Fazem um tipo de atividade chamado cruzadão, é um tipo da conhecida cruzadinha. Mas, ele usa um espaço maior para poucas palavras onde a criança descobre o nome de objetos com algumas pistas.

Já sobre os tipos de atividades de letramento utilizados na sala Marlene afirmou que são bem variados e contextualizados. Ela tem na sala, para manuseio e “leitura” das crianças, vários livros e revistas. O alfabeto foi completado com o nome das crianças, só nas letras que não havia nome de ninguém para por é que colocaram outras palavras.

As crianças utilizam diariamente a agenda para olhar se há recados para a professora, para se situarem no calendário. “Ontem foi dia X, então hoje é?” – como diria a professora em uma das suas aulas. Relembra o que está escrito no cartaz de combinados, fazem a contagem de alunos da sala. Aí fazem uma disputa para ver se vieram mais meninas. Usam bastante os números e gráficos, imagens.

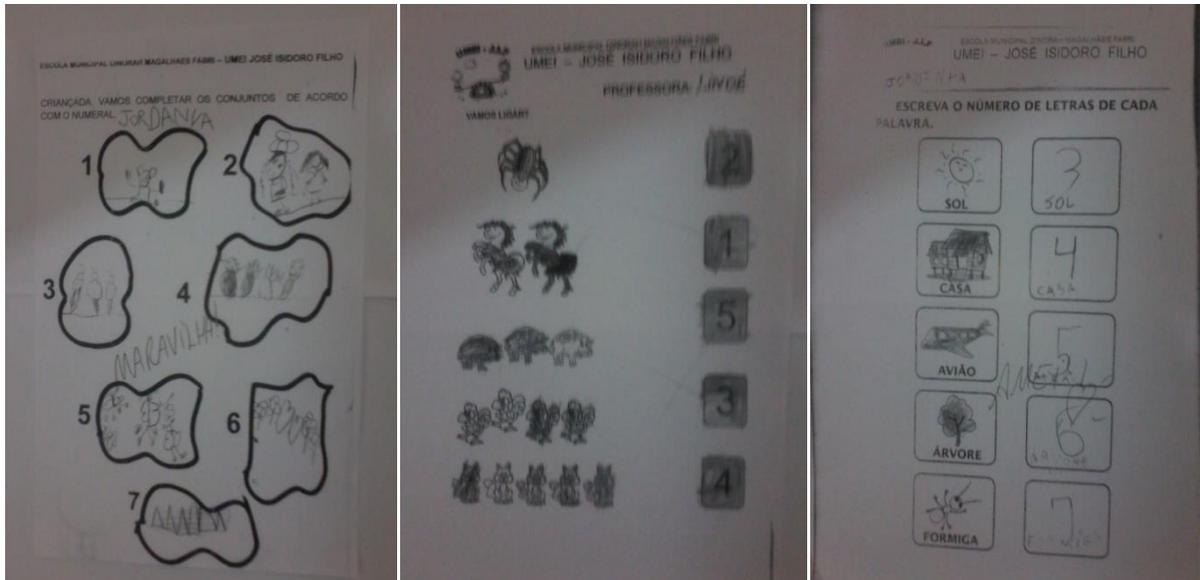
Perguntei sobre os avanços no processo de escolarização. Ela me disse: “Olha o avanço é na escrita do nome deles, uma boa parte já sabe o nome completo, é... o desenvolvimento do desenho. Trabalho muito com desenhos, esquema corporal...plano de fundo dos desenhos... A linguagem oral dos meninos...”

Na visão dela, eles estão mais solidários, críticos, perguntam e querem respostas para os seus questionamentos. E estão até mais carinhosos uns com os outros, até pelo bom tempo que estão estudando juntos. Já é o segundo ano que a turma não foi alterada.

Ao ser questionada em relação a qual tipo de atividade ela prioriza foi difícil saber, pois a mesma acredita que ela trabalha um pouco de alfabetização e um pouco de letramento, podendo sempre mudar a ordem, se é que existe um ordem cronológica.

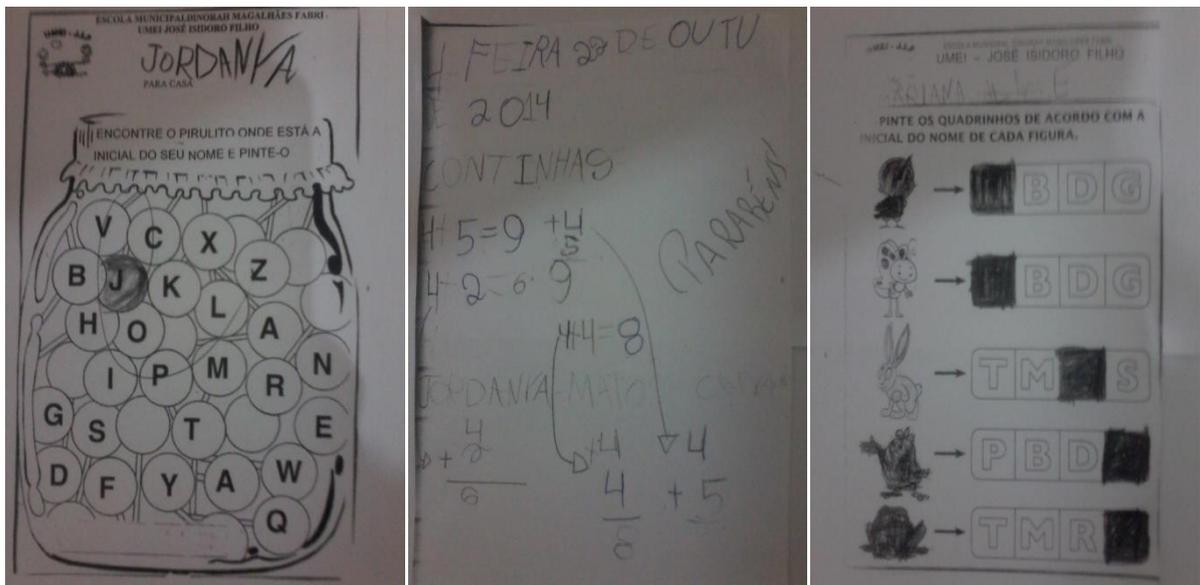
Portanto a professora se mostrou empenhada em trabalhar de acordo com as leis que regem a educação infantil em Belo Horizonte, como, por exemplo o Referencial curricular para a educação infantil.

5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DAS DUAS PROFESSORAS, DIFERENCIANDO ALFABETIZAÇÃO DE LETRAMENTO



GRAVURA 1: Atividades de alfabetização

Fonte: Cadernos das crianças



GRAVURA 2: Atividades de alfabetização

Fonte: Cadernos das crianças

Fiz uma seleção de atividades de alfabetização retiradas dos cadernos dos alunos da minha turma e da professora Marlene, que também participou da minha pesquisa através de entrevista.

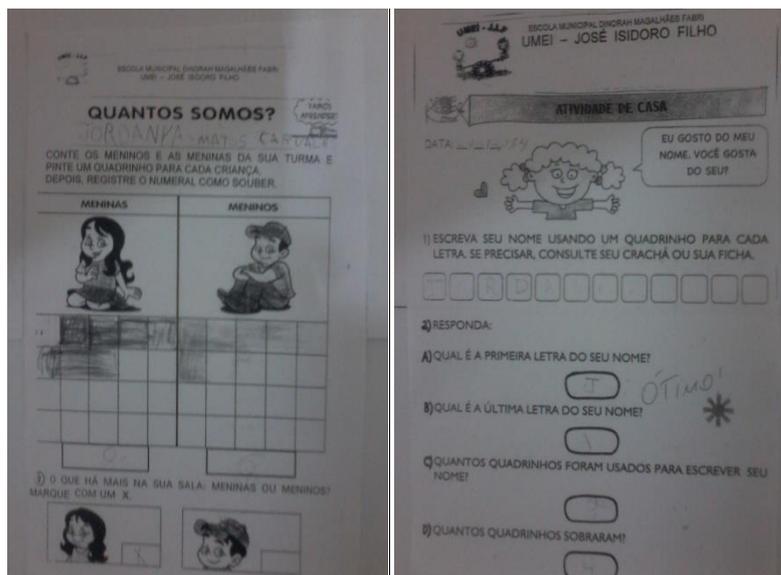
Como o objetivo deste estudo monográfico é buscar identificar quais as práticas de alfabetização e de letramento foram utilizadas nas duas turmas de cinco anos, da Instituição UMEI “José Isidoro Filho” da regional Barreiro fiz uma amostragem do que havia no caderno das crianças. Nas gravuras 1 e 2 percebi que trabalhávamos mais com atividades de alfabetização. Como ainda as crianças estavam no processo de conhecer as letras e números, acredito que demos mais prioridade a esta linha de pensamento ou linha pedagógica.

Por estarmos preocupadas com a decodificação e codificação das letras e números acredito que foi este o motivo das duas professoras terem dado ênfase a atividades de alfabetização e menos a atividades de letramento. Visto que em quantidade as atividades de alfabetização estão em número bem maior que as de letramento.

Na gravura 1 podemos ver que são atividades de completar conjuntos, ligar numeral à quantidade, contagem do número de letras de cada palavra apresentada. Isto é pouco diante da fome de saber das crianças que tínhamos, pois, descobrimos o potencial delas ao mudarmos a nossa linha de trabalho.

No meio do ano de 2014 iniciei a pesquisa e as discussões com a colega de trabalho, a Marlene. Começamos a conversar mais sobre as nossas práticas e fomos percebendo que realmente oferecíamos mais atividades de alfabetização para os nossos alunos do que de letramento.

Resolvemos mudar o curso dessa história. Já que as duas acreditavam no potencial das crianças e também por já trabalhar o letramento de forma tímida e por utilizarmos das suas ferramentas e não termos registros que comprovassem que tínhamos esta prática.



GRAVURA 3: Atividades de letramento

Fonte: Cadernos das crianças

Logo ampliamos o nosso fazer pedagógico prestando atenção em oferecer mais atividades como estas da gravura 3, procurando por o aluno em foco. Fazendo alusão ao que Soares afirma

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país- da mera aquisição da 'tecnologia' do ler e escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização.(SOARES, 2006 p.21)

Também posso dizer que a Marlene e eu fizemos esta mudança. Saímos ou tentamos sair das atividades de aquisição da leitura e escrita e passamos a desenvolver mais atividades que envolvessem as práticas da escrita como função social. Trabalhando por projetos e procuramos garantir efetivamente a proximidade diária dos educandos com uma variedade maior de gêneros textuais, e discursivos.

Portanto, desenvolvendo um projeto com a turma, no qual fez-se necessário oportunizar mais espaços para o manuseio de livros, revistas, ou seja, de todo tipo de material impresso, que favoreceu o aumento da curiosidade, das possibilidades de investigação. Estimulamos dessa forma o processo de

apropriação da linguagem escrita e ainda no aumentando da qualidade da forma das crianças se expressarem oralmente.

Ao proporcionar momentos de leitura livre (manipulação dos livros da biblioteca da sala e da escola) e de contato com dicionário, enciclopédia, e de tantos outros materiais de leitura, às crianças foi possível produzirem bilhete, carta e receita no coletivo utilizando a professora como escriba.

Acredito que de fato oferecemos a possibilidade dos alunos se tornarem letrados, mesmo que ainda não dominassem a leitura e escrita com a total propriedade. As atividades do projeto serão vistas a seguir, no desenvolvimento do plano de ação.

6 PLANO DE AÇÃO

O acesso das crianças ao conhecimento elaborado pelas ciências é mediado pelo mundo social e cultural. Assim, as questões presentes no cotidiano e os problemas relacionados à realidade, observáveis pela experiência imediata ou conhecidos pela mediação de relatos orais, livros, jornais, revistas, televisão, rádio, fotografias, filmes etc, são excelentes oportunidades para a construção desse conhecimento. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, VOL 3)

As crianças da turma da “Galinha pintadinha” tiveram a oportunidade de conhecer e ou ampliar os seus conhecimentos acerca do assunto galinha, tema este que surgiu durante uma atividade de rotina da turma. Eu estava desenvolvendo uma atividade que envolvia o alfabeto: contagem de letras, análise do seu uso, onde se aplica, quando de repente, a aluna Lorena pediu a palavra e disse: “A minha galinha botou três ovos”. Em outros tempos eu não daria muita importância para a fala da aluna e até a reprimiria dizendo que contasse o seu caso em outro momento. Mas, sabiamente, parei a atividade, ou melhor, enriqueci a mesma solicitando à aluna que contasse melhor o que aconteceu quando e onde foi que a sua galinha botou tantos ovos.

Os colegas ficaram interessados na história e começamos a levantar hipóteses sobre como foi que aconteceu este fato. Perguntei para eles. “Será que a galinha da Lorena botou estes três ovos de uma só vez?” - “ Quantos ovos uma galinha bota por dia?”... Então eles ficaram entusiasmados em querer saber mais sobre este assunto. Não obstante, escrevi a frase no quadro, com o auxílio dos alunos servindo assim, como escriba. Todos ficaram empolgados com a situação de constatar que podemos escrever o que falamos.

Mesmo que todos eles já tivessem com o hábito de ver as professoras deles, que eram duas, a escreverem bilhetes nas suas agendas, para os pais ou responsáveis. Ou por verem também os seus pais, em casa, redigindo algo para as professoras. Gostaram muito da experiência e pediram para que a professora fosse redigindo o que eles falavam. Foi uma festa! Escrevi a frase que cada um falava, sempre com o auxílio de toda a turma. Eu repetia a frase que cada um falava e depois, palavra por palavra eram escritas no quadro com a observação dos sons das letras.

Como as crianças já conheciam o som de cada letra, foi fácil para eles. Pois, já era hábito meu de pedir para eles irem me falando como se escreve esta ou aquela palavra. Assim, foram percebendo que uma frase é constituída por várias palavras e que sempre usamos letras para escrevê-las. Ficaram encantados com a possibilidade de poderem ser criadores, construtores de algo, já que antes só participavam de elaboração de palavras com pouco contexto. E agora estavam vendo que o que falamos pode ir tudo para o papel. Desse jeito todos começaram a se sentirem muito importantes.

A escrita era sempre apresentada às crianças, mas com a preocupação da decifração, o que pode ser uma perda, já que a criança pode não ver sentido para a escrita.



FIGURA 1: Crianças escrevendo com alfabeto móvel, palavras sugeridas por eles, desenho e modelo de escrita feito pela professora.

Fonte: Imagens feitas pela pesquisadora

Quanto menos conhecimento específico sobre a linguagem escrita (metalinguístico) a criança tem, mais noção da funcionalidade da linguagem escrita ela demonstra. Há um período (e isto é coincidente com as pesquisas de Emília Ferreiro) em que a criança “perde o sentido” em prol da decifração. (SMOLKA, 1996, p. 26)

Parei de me preocupar com o padrão de escrita considerada ideal (escrita ortográfica correta), para dar espaço para a escrita espontânea e para a ampliação do conhecimento e uso de vários tipos de gêneros textuais.

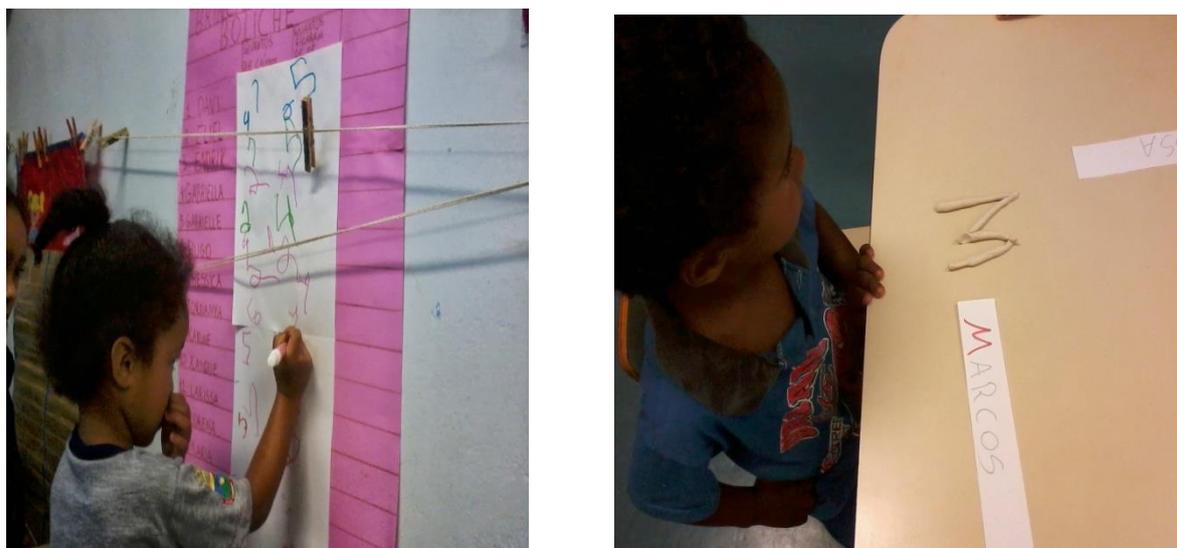


FIGURA 2: Crianças escrevendo o resultado de um jogo e próprio nome.

Fonte: Imagens feitas pela pesquisadora

Na busca de novas alternativas de ensino, a minha proposta pedagógica foi pautada então, em trabalhar mais com o letramento, que em minha opinião, está mais ligado a pedagogia de projetos.

Depois de lermos diversos portadores de textos e gêneros textuais, pudemos avançar na prática da construção dos nossos próprios textos como bilhete, cartas, cartazes e gráficos. Com isso, as crianças puderam se desenvolver e perceber na prática o uso social da língua escrita. A necessidade de mudança surgiu, principalmente, por uma inquietação pessoal. Os autores Fernando Hernández e Montserrat Ventura comentam:

As inovações costumam ser produzidas, entre outras razões, por uma pressão exterior (caso de uma reforma educativa) ou pela vontade ou desejo de mudança de um grupo ou de uma instituição. (HERNÁNDEZ e VENTURA, 1998, p.20).

Estando com o olhar mais crítico sobre o meu fazer pedagógico, resolvi dar início a um projeto com as crianças sobre galinhas, já que falar de galinha foi tão interessante para elas. Prontamente, procuramos na biblioteca, da turma, livros que falassem de galinha. Foram encontrados vários, que foram lidos paulatinamente durante o desenrolar do projeto que se iniciou em meados de julho de 2014.

Voltando a falar do início do projeto, por sorte o livro escolhido para o dia foi um que já nos trouxe a resposta sobre a quantidade de ovos que a galinha bota por dia. Foi o livro “A galinha dos ovos de ouro”.

Conversamos sobre a história da Lorena e do livro. Logo chegaram à conclusão que a galinha da Lorena só bota um ovo por dia, só que a mesma não sabia que aqueles ovos que a mãe estava guardando eram de dias diferentes.

Conversamos sobre se existe galinha que bota ovo de ouro, o que tem dentro dele na verdade? Levantei questões para discutirmos, como: A galinha já bota ovo com pintinho dentro? O que tem dentro deles? Todos os ovos saem da galinha, iguais? Alguns saem com gema e clara e outros com pintinhos?

Como eles já haviam relacionado à história do livro a uma lenda logo tiveram certeza que não existe ovo de ouro. Mas, apareceram comentários em relação a ter gema, clara, teve aluno que falou que pode ter pintinho dentro do ovo.

Alunos que têm galinhas em casa tiveram a oportunidade de falar o que sabiam. Foi interessante, por isso, elaborei no mesmo dia um para casa com perguntas direcionadas à família. Quantos ovos a galinha bota por dia? E o que tem dentro dos ovos? Para podermos confrontar com o que as crianças falaram em sala.

No outro dia chegaram empolgados com o que trouxeram. Todos queriam falar das respostas que eles obtiveram em casa. Mas, não surgiram maiores questionamentos neste dia.

Reescrevi a frase, que havia nos empolgado a fazermos esta investigação, “A minha galinha botou três ovos”. Cada criança copiou no seu caderno e pediram para escreverem também o que descobriram com os seus pais através do para casa. Então foram três frases neste dia. A segunda foi “A galinha bota um ovo só por dia” e a última foi “Dentro do ovo tem gema e clara”.

Para primeira vez, foi ótimo o desempenho das crianças, ao copiarem do quadro as descobertas que o grupo estava fazendo. Sempre fiz papel de escriba para eles. Todos participaram da elaboração das palavras, falando qual letra seria utilizada para escrever cada uma. Foi o começo do uso de uma escrita mais significativa para o grupo.

Na sala dos professores descobri que a Aparecida Laia, acompanhante de aluno de inclusão, tinha várias galinhas na sua casa. Logo que voltei para a sala sugeri para os alunos que a convidássemos para vir a nossa sala com o intuito de nos dar mais informações sobre a vida da galinha.

Provoquei uma dúvida entre eles. Como faremos para convidá-la sem irmos até a sala dela e sem usar o telefone também, já que surgiu esta opção entre eles.

Pensaram bastante. Então, uma criança falou que poderíamos fazer um bilhete por escrito e alguém da sala levaria para ela. Questionei sobre se sabiam escrever este bilhete. Uma criança falou: você sabe e nós te ajudamos igual foi com a frase da Lorena.

Foi bastante divertido, pois ainda não tinham participado de algo tão envolvente. Mas, o texto saiu, com meu auxílio e com as idéias deles.



FIGURA 3: Momento após a escrita do bilhete para a funcionária da UMEI

Fonte: Imagens feitas pela pesquisadora

Fui questionando o que tínhamos que escrever, como começaríamos, temos que cumprimentá-la? O que vamos escrever para ela? No final temos que falar quem está enviando este bilhete não é? Será que precisa colocar data?

Antes de recebermos a Aparecida, fiz uma roda de conversa com as crianças. Descobrimos que um aluno sabia bastante sobre a vida das galinhas já que ele morara no interior em um sítio. Foi bastante rico, pois nesse dia vieram mais alunos que estavam faltosos e puderam contribuir com as suas experiências de vida. Outros sabiam sobre esta ave por ter algumas em suas casas e outros por freqüentar roça.

Falaram que gavião come pintinho, mas quando tem alguém por perto ele não ataca as galinhas e os pintinhos. Uma criança disse que tem que fazer um galinheiro fechado para estas aves não fugirem e não serem mortas por algum animal. Ou, como completou o coleguinha, para elas não serem atropeladas na rua.

Lembramos quais são as características de uma galinha (tem asa, pena, bico, duas patas, botam ovos) e que ela é uma ave. Durante a conversa descobrimos que alguns animais têm algumas das características destas, mas não as faz ser uma ave, como: jacaré, lagartixa, borboleta e outros.

Levantei várias questões, como: Onde dormem, o que comem, a que horas fazem tudo isto? E foi interessante porque alguns só têm o conhecimento “teórico” vamos dizer assim. Já que estas só conhecem superficialmente, por vídeo, fotos e através de algumas idas a alguma granja com os pais ou outro lugar que já viram uma galinha viva.

O interessante é que as experiências se completam através do relato de cada uma. Assim se percebe que as interações cognitivas são cheias de conhecimentos, mas que são bem diferentes uma da outra.

No dia em que a Aparecida chegou à nossa sala no horário e dia marcado, eles ficaram perplexos. Uma criança falou assim: “Ela leu mesmo o bilhete que escrevemos!” Foi um barato, ver na prática o que lemos sobre letramento. Começaram a perceber o uso social da língua escrita.

Como eles já haviam ouvido algumas histórias que envolvem o assunto galinha, vídeos da internet que eu baixava na hora da aula para eles assistir, o momento em que a galinha fica chocando os ovos, o nascimento de um pintinho... Tudo isto fez com que aumentassem o conhecimento deles acerca do assunto.

Com isso foi possível elaborar um roteiro de perguntas para que eles fizessem para a Aparecida. Perguntaram para ela: “Porque a galinha fica quente quando fica em cima dos ovos, chocando eles”- “Como que o ovo quebra quando o pitinho está dentro dele?- Porque a galinha fica em cima dos ovos e depois nascem pintinhos?” Vou relatar uma parte das informações que a Aparecida deu aos alunos, pois a conversa foi bem longa.

Crianças, a galinha vai botando um ovo por dia, com vocês mesmo falaram, e quando as pessoas não os retiram do ninho, a galinha passa a ficar em cima dos ovos que vai botando todos os dias. Então, quando já se passaram mais ou menos uns vinte e dois dias podemos esperar que alguns pintinhos já se formaram por completo e já começam a quebrar os ovos lá de dentro mesmo, com os seus biquinhos. E chamamos de choco o ninho que a galinha escolheu para chocar os seus filhotes.... Ah e vocês não sabem de uma coisa! Eu sei um pouco sobre galinhas, mas é na casa da minha irmã, Neuseli, que tem muitas galinhas no galinheiro. E vocês estão de parabéns, estão sabendo muito mesmo, criançada! (Aparecida Laia, 21/07/2014)

Durante aquele mês, as crianças fizeram atividades como; leitura de livros. Sempre escolhiam os que tinham gravuras de galinhas e pintinhos. Assistiram aos vídeos (desenhos animados) trazidos por eles que em geral os personagens eram aves. E fizeram atividades de escrita, tais como: cópia do bilhete, atividades de completar letras na palavra ex: GALO, GALINHA PINTINHO, também outras sugeridas por eles. Mesmo parecendo serem palavras sem contexto, não eram, pois, para eles, naquele momento tinham bastante significado por estarem vinculadas ao tema do projeto.

Já em agosto fizemos um novo bilhete endereçado à irmã da Aparecida, Neuseli. Novamente todos participaram da elaboração já com mais propriedade. Foram lembrando

logo que tínhamos que ser educados e cumprimentá-la já no início. Fui lembrando junto com eles os outros itens necessários, que deveriam conter em um bilhete. Lembraram que não podíamos só falar que era da turma da “Galinha Pintadinha” (nome da turma). Pois, como ela ia saber de onde eram estas pessoas? Então colocamos no corpo do texto que éramos da UMEI “José Isidoro Filho”, já que a escola que fica na frente da casa dela.

Para fechar perguntei como iríamos encerrar o bilhete. Lembraram de por data já que nele perguntamos quando poderíamos ir à casa dela. Desta vez foram mais precisos nas suas falas e já entenderam que era para escrevermos algo que não podia deixar dúvidas e nem duplo sentido, já que não estaríamos por perto quando ela fosse ler o bilhete.

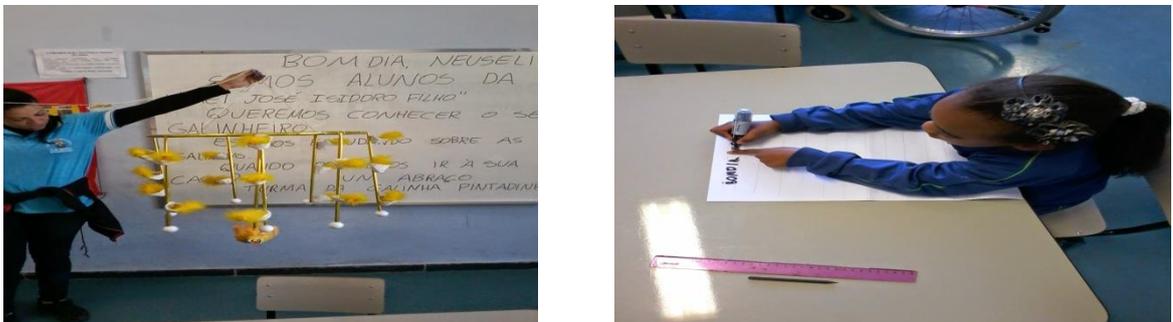


FIGURA 4: Confeção do bilhete à Neuseli e do móbile

Fonte :Imagens feitas pela pesquisadora

O dia tão esperado pelas crianças chegou. Fomos ao galinheiro da Sr. Neuseli munidos de muitos questionamentos

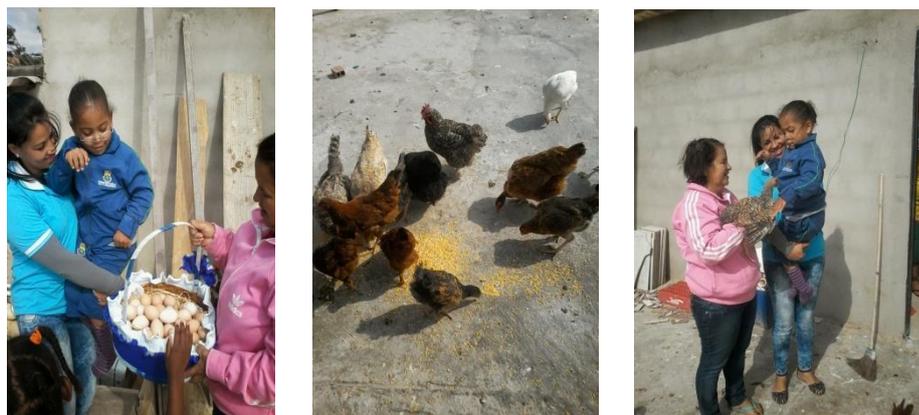


FIGURA 5: Conhecendo o galinheiro da Sr.Neuseli

Fonte : Imagens feitas pela pesquisadora

Com esta ida deu para as crianças tirarem bastante dúvidas, poder brincar com as galinhas, malimentá-las, conhecer melhor onde elas vivem e como é o seu dia a dia, e até mesmo acompanhar o momento em que uma galinha começou a botar. Mas, a agitação da criançada não permitiu que víssemos o grande momento: assistir ao vivo uma galinha botando um ovo.

No dia seguinte foi feito a eleição do nome do projeto. E ganhou exatamente o que foi novidade para eles. A cor dos ovos era variada. O nome ficou assim “A GALINHA DOS OVOS AZUIS”.

A partir de então, o projeto deslanchou. Foram desenvolvidas inúmeras atividades que envolvia o assunto galinha. Sempre que possível as atividades eram elaboradas e copiadas por eles, no caderno. Produziram uma entrevista para eles mesmos fazerem com os familiares (com o auxílio de um adulto).

Com tantas informações foi possível socializarmos com a comunidade escolar alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo de alguns meses. Com a produção destes dois cartazes

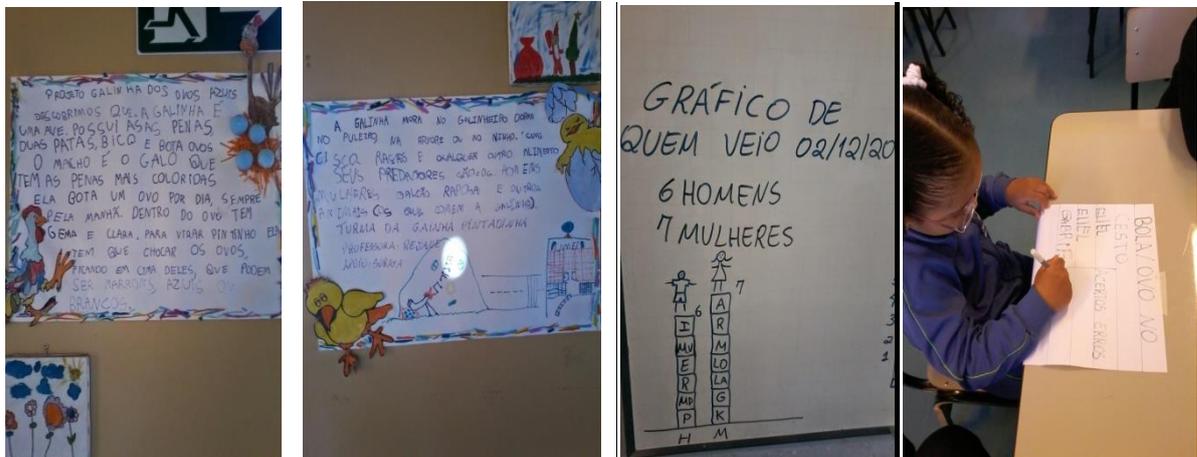


FIGURA 6: Atividades de escrita

Fonte :Imagens feitas pela pesquisadora

Também o projeto possibilitou o avanço na produção da escrita. Tiveram contato com diversos portadores de texto e gêneros textuais o que possibilitou na criação da receita do final do projeto, de gráficos que envolvia o cotidiano deles, cartaz, bilhete e carta.

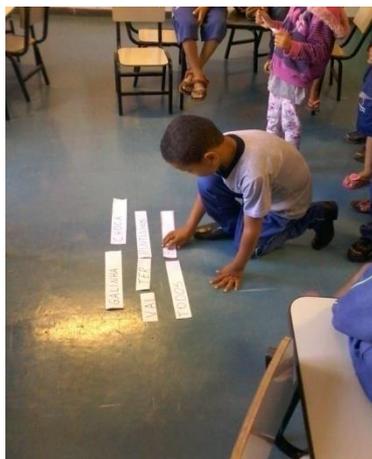


FIGURA 7: Trabalho com texto fatiado e produção de gráficos

Fonte : Imagens feitas pela pesquisadora

Assistiram a mais vídeos que abordavam o assunto meio ambiente, a vida da galinha, nascimento de pintinhos, etc... Encenaram, em grupos pequenos, uma história criada no improviso e utilizando os fantoches de galinhas, confeccionados por eles. Brincamos de repetir parlendas (atividade boa para desenvolver a memória e as habilidades de escrita), fizeram desenhos reproduzindo o meio ambiente da galinha, do trajeto feito até a casa da Sr. Neuseli,

Participaram de várias brincadeiras que envolviam o tema do projeto, como: “Estoura balão” todas as crianças tinham um balão amarrado ao calcanhar. O objetivo era proteger o seu e estourar os dos colegas. O vencedor é o que fica até o final com o seu balão intacto. Eles adaptaram o nome para “Quebra ovos”.

Brincaram de “Venha cá meus pintinhos”, Uma criança era o gavião que ficava entre outra que representava a galinha e do outro lado ficava os outros colegas que eram os pintinhos. A mamãe galinha chamava pelos pintinhos, por três vezes. “Falando assim: _Venha cá meus pintinhos e eles respondiam _Não, não tenho medo do gavião”. Na terceira vez a mamãe falava bem brava e todos os seus pintinhos corriam para perto dela. Quem fosse pego pelo gavião seria o próximo predador da brincadeira.

Jogaram bola no cesto que também ganhou o nome de ovo no cesto. Todos participaram da confecção do cartaz onde havia o nome do jogo, uma coluna para eles escreverem os seus nomes e mais duas colunas para registro de acertos e erros. Este cartaz foi totalmente produzido por eles. Só participei da orientação da escrita do enunciado.

Escrevemos uma carta para a Sra. Neuseli agradecendo a sua gentileza de nos ter recebido com tanto carinho e pelas preciosas informações que, com certeza, ficarão para sempre gravadas na cabecinha de cada criança. E acredito que no coração também, pois eu podia perceber a emoção deles ao fazer esta visita e por a cada dia estarem aprendendo algo que estava fazendo sentido para eles.

Confeccionamos o livrinho “Cadê o toucinho que tava aqui” o interessante é que no final da história o ovo foi bebido pelo padre.

A culminância do projeto foi já nos últimos meses do ano onde propus que fizéssemos uma receita bem fácil e gostosa. Foi o ovo quente. Muitos não conheciam. Então, foi feito um pedido para as cozinheiras esquentarem os ovos para a turminha se deliciar.

FIGURA 8: Experimentando uma receita

Fonte :Imagens feitas pela pesquisadora

Escrevi a receita no quadro, como de costume e depois todos copiaram nos seus cadernos. Já bastante íntimos com o processo de escrita, dominaram bem a cópia e elaboração da receita; primeiro os ingredientes depois o modo de fazer. Gostaram de ver que era pouca coisa para escrever. Já que no final de ano até as crianças estavam cansadas.

O interessante foi a participação deles na análise ou comparação do que era para ser feito e o resultado que saiu. Na receita pedia para deixar os ovos por três minutos na água fervendo e as cozinheiras deixaram por uns cinco minutos. Então, o ovo não ficou mole como eu já havia falado para eles que iria ficar. Mas, não ofereci esta informação antes de abrirem os seus ovinhos. Deixei que tirassem as suas conclusões antes que cada um os descascasse, sabendo que os ovos ficaram mais tempo no fogo do que deveria.

Como fechamento do projeto, foi interessante, pois utilizamos um produto que a galinha nos oferece para podermos utilizar de várias formas. Preferi usar algo que fosse mais genuíno e que fosse novidade. De fato causou um bom rebuliço e, principalmente, os instigou a continuar a procurar saber mais sobre esta receita. Alguns alunos relataram que depois a

mãe ou algum outro responsável por eles seguiu a receita “orientada oralmente” em casa e deu certo.

7 CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados e estudos realizados, compreendo que o papel do professor é mesmo de mediador e agente de cultura que deve colocar o seu aluno como centro. A criança também é produtora de cultura logo, quanto mais se trabalha integrado com ela, maior a possibilidade de atingirmos o nosso objetivo. Perante os estudos, entrevista com a professora e observação da minha prática pedagógica, chego a uma conclusão de que se não existir de fato uma interação não haverá desenvolvimento.

Lembra-se aqui, que um dos objetivos desta pesquisa foi analisar os exercícios dos cadernos das crianças e fazer uma entrevista com a professora Marlene. Observei que nas duas turmas em questão havia mais atividades voltadas para a alfabetização em detrimento do letramento, mesmo que a forma de aplicá-las fosse de forma que desse voz ao aluno. Mas, dar a voz à criança não é o suficiente, temos que, principalmente, ouvi-la, respondendo e dialogando com a mesma. Foi o que a professora e eu pudemos concluir depois da entrevista.

Tanto o bilhete, para a funcionária, a carta de agradecimento, o cartaz que constava as informações que as crianças adquiriram ao longo do desenvolvimento do projeto, são exemplos práticos da escrita como função social. A importância para a criança escrever havendo uma finalidade é salientado nos referenciais curriculares para educação infantil.

Por isso, posso afirmar que trabalhando por projetos é mais envolvente e possibilitamos mais a interação. Também se percebe mais atividades de letramento, com esta proposta de trabalho. Pois a criança é um ser social que produz cultura sente, pensa, raciocina. Assim elas participarão efetivamente das atividades e vão conhecendo o mundo e se conhecendo melhor incorporando novas possibilidades de ampliação para novos horizontes.

Deixo o convite aos profissionais da educação infantil a aprofundarem, teoricamente nesta linha que está tão presente no nosso cotidiano.

A escola é um espaço rico onde podemos tornar a escrita e a leitura uma ação prazerosa e significativa. Se trabalharmos bem o letramento daremos asas letradas aos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Pilippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978. p.50-68

BATISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: **Currículo em Movimento**. Ministério da Educação. Brasília, 2010. p.1-17

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Vol.3. Brasília, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**. 5ª ed., Porto Alegre: ARTMED, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. - São Paulo: Atlas, 2003

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? Anais do I Seminário Nacional: **Currículo Em Movimento– Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal, ARAÚJO, Mairce. A “palavramundo” como conteúdo alfabetizador: problematizando o conceito de letramento. In: ZACCUR, Edwiges (Org.). **Alfabetização e letramento** o que muda quando muda o nome?, Rio de Janeiro, 2011.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos Teóricos e metodológicos da Educação Infantil**. Curitiba : IESDE BRASIL S.A – 2003 - História das Creches – ISBN : 85-7638-256-3. p.23-60

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. Cortez, 1996. p. 15-28

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil** ; tradução Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre : Artmed, 1998.

ANEXO

Entrevista com a professora "Marlene"
Produzida por: Rejane dos Santos Tor

Rejane: O que é o Letramento?

Marlene: _Ele ajuda no processo de alfabetização.

Rejane: _É.

Marlene: _Porque é, eu posso dar exemplos?

Rejane: _Sim.

Marlene: _Pode né?!

Marlene: _Um dos meninos identificou aqui, na sala em uma atividade a letra T
Aí falou; que viu na rua escrito topa tudo,e que tinha dois T's.

Rejane: _É.

Marlene: _Então, esta aí o letramento e a alfabetização.

Rejane: _Ele está usando a alfabetização, para letrar né ? Para identificar.

Rejane: _E qual é a importância que você dá para a alfabetização? Na sua sala?

Marlene: _Oh, eu entendo que é importante a alfabetização nessa idade dentro da turma de cinco anos. Mas eu creio que é o início do processo da alfabetização, por que ela não vai terminar, aqui agora com seis anos.

Rejane: _Ahm!

Marlene: _Eles vão continuar este processo né, com seis, sete anos. Então, na educação infantil, eles têm o contato com a alfabetização, com letras. Mas, não é só isso não, é a prioridade, só a alfabetização. Eles Têm o momento de brincar, dos jogos, brincadeiras, da música, da roda do bate papo com as crianças, da convivência com os colegas, aprender a respeitar os colegas. Tudo isto tá dentro co contexto de alfabetização. Porque na minha concepção não é só escrever e ler, Não é só isso.

Rejane: Então ela não tem a importância principal?

Marlene: Nesta idade agora né. Agora algumas crianças são mais espertas, têm um avanço, a curiosidade é maior...

Rejane: No caso qual a importância que você dá para o letramento?

Marlene: Uai o letramento... acho que ele é importante, porque tudo que a gente vive com os meninos aqui na escola tem o letramento. Tudo em qualquer espaço que você for eles têm contato com, números letras, gráficos, imagens, códigos, tudo. Eu acho que é importante sim o letramento.

Marlene: Aham. Dou a importância, sim ao letramento, com certeza.

Rejane: _E eles quando vão ao banheiro, mas não está escrito banheiro, mas está escrito meninos, com desenhos.

Marlene: _Está com desenhos, é um letramento também.

Rejane: _Ele esta fazendo leitura do mundo.

Marlene: _No refeitório, né?

Rejane: _É.

Marlene: _No refeitório também.

Rejane: _E eles também produzem?

Marlene: _Eles também produzem!

Rejane: _No caso assim, cartazes eles já fizeram?

Marlene: _Eu posso falar o que fizemos? .

Como a gente está no momento, no período da primavera e nós plantamos sementes, e hoje eu trouxe para a aula, um poster dos girassóis.

Rejane: _Ah tá.

Marlene: _E aí eles fizeram.

Eu contei primeiro a história da Gigi.. Gigi e o girassol, contei a história na roda. Conversamos sobre este tempo de primavera, com chuva, com flores né, que é uma época alegre e contamos. Contei a história do girassol, depois coloquei o poster para os meninos verem, olharem e eles começaram contar quantas flores que tinham no vaso.

Rejane: _Ah tá.

Marlene: _E eles fizeram a releitura da tela.

Rejane: _Eles reproduziram a tela do Vangog?

Marlene: _É eles reproduziram com desenhos, e foi muito bacana!

Reproduziram com desenhos e foi muito bacana, porque um ia à mesa do outro e contava, olha está faltando flor aqui, está faltando girassol aqui.

Rejane: _Ah, tá!

Rejane: _Aí teve a matemática, teve a observação.

Marlene: _Aí a gente foi descobrir como é que se escreve a palavra girassol.

Rejane: _uhum.

Marlene: _Na roda com o cartaz, aqui no chão, aí um falou:

Tem o G, o outro falou tem o I, tem o O e o Carlos Daniel falou ,tem o C que é girassol.

Rejane: _Sim.

Marlene: _Aí falei que tem momentos, o C tem o som de S, né!

Rejane: _Uhum.

Marlene: _ O A também que eles adivinharam só o S que eles não conhecem né, mas.....

Rejane: _Aí você, acha que foi o momento da alfabetização ou foi o letramento? Essa atividade?

Marlene: _Acho que foi mais a alfabetização; os dois né!

Rejane: _Os dois, no finalzinho que veio a alfabetização, na hora de decodificar as palavras no geral, mas é a vivência, por exemplo.

Marlene: _Aí é , e agora nos fomos lá fora ,porque aqui na escola tem o jardim, para ver a plantação do girassol, e já tem algumas flores.

Rejane: _ É lá na, na Dinorá?

Marlene: _Não, aqui na entrada da Umei.

Rejane: _Ah tá!

Rejane: _Ah, eu nem sabia que tinha.

tinha girassol mesmo?

Marlene: _Girassol!

Rejane: _Ah tá.

Marlene: _Plantação todinha lá de girassol. Aí eu vou conseguir trazer para eles a semente de para eles verem a semente de girassol

Rejane: _Aí é você quem vai trazer?

Marlene: _ Aham, procurei Rejane: _Não tem, não

Marlene: _Os que tinham, plantou tudo .

Rejane: _Ah tá.

Rejane: _Aí , agora outra.

Que tipo de atividades , você faz de alfabetização?

Um exemplo que você, acha que seria de alfabetização .

Marlene: _Uai, por exemplo, essa que a gente fez: Descobrir a palavra girassol, né!

Rejane: _Uhum.

Marlene: _Descobrir uma palavra. É a palavra geradora? É a palavra geradora!

Rejane: _É.E o que mais, assim no dia á dia , outro tipo você daria de exemplo,de alfabetização ?

Marlene: _ Eu trabalho muito o nome dos meninos, o nome do colega, é deixe eu ver.

É no caso da palavra , aqui

Rejane: _Eles escreveram sozinhos?

Marlene: _Escreveram, escreveram sozinhos. Troco as fichas do nome com o colega, para identificar se tem letra no nome dele.

Rejane: _Uhum.

Marlene: _É identificar, por exemplo, quantas letras iguais têm no nome.

Rejane: _Uhum.

Marlene: _É, qual a palavra que a gente tá, que a gente já, está trabalhando. Descobrir que letra que falta da palavra.

Rejane: _Uhum.

Marlene: _Contar quantas letras!

Rejane: _Cruzadão?

Marlene: _Cruzadão, o pingo, tudo

Rejane: _Isso.

Marlene: _Que tipo de nome eles gostam!

De nomes e de letras. E o cruzadão, completar a letra que falta, na escrita do quadro. Na escrita espontânea

Rejane: _Ah é.É que um ajuda o outro aqui.

Rejane : Aí no caso também , é que tipo de atividade de letramento você lembraria?

Marlene: _Atividades de letramento?

Rejane: _Vamos ver pela sala, por exemplo:

Marlene: _Revistas, livros, histórias.

Rejane: _Ah é, manusear revistas, né?

Marlene: _É manusear os livros e as revistas!

É eles identificam letras, nomes, gravuras, foliam jornal. O jornal também tem na sala.

Rejane: _Ah, jornal também.

Marlene: _O alfabeto é, com o nome da turma de cada criança.

Rejane: _Às vezes até palavras também, né?

Marlene: _Palavras, o calendário, o registro dos combinados

Rejane: _Uso do calendário, no caso.

Marlene: _Uso do calendário!

Rejane: _Todos os dias vocês vão olhar, que dia que é.

Marlene: _Todos os dias a gente marca

Rejane: _Sabem que ontem foi o dia tal, e hoje vai ser qual, né!

Marlene: _É, quantos somos né, quem veio, quem não veio. Quantas meninas têm, quantos meninos. A gente faz isso todos os dias. Tudo isso é do letramento.

Rejane: _É.....

Marlene: _Porque letramento, eu entendo que não é só letras.

Rejane: _Aham.

Marlene: _É números, gráficos, imagens, gravuras isso tudo, para mim é letramento.

Rejane: _Aham é. Porque aí eles fazem a contagem das crianças da sala, a análise também né.

Marlene: _Quem não veio, a gente faz a lista lá no quadro. Olha quem não fez....., quantos que tem.

E eles assim, são espontâneos, deles. Ah, hoje tem mais meninas, hoje os meninos ganharam, hoje é as meninas.

Rejane: _Isso, ah é.

Marlene: _A agenda também tá dentro

Rejane: _O uso da agenda?

Marlene : _O uso da agenda!

Rejane: _No caso assim, você pede para abrir na página né. Vê se tem bilhete dos pais .

Marlene: _ Isso. Alguns conseguem identificar o dia do calendário, com o dia que tá na folha da agenda.

Rejane: _Fica mais fácil quando ele vai olhar na agenda, já que olhou no calendário né.

Marlene: _ Os numerais que tem sala também.

Rejane: _ saber o uso social, o que eu estou abrindo, para ver se tem bilhete da minha mãe para a professora, né.

Marlene: _Ou mesmo se tem, o bilhete da escola que a gente põe na agenda .

Rejane; _Aham.

Marlene: _Aí eles perguntam:

O que tem nesse bilhete.

Rejane: _Sim.

Marlene: _Aí eu leio, explico o bilhete. E muitos chegam em casa e falam direitinho o bilhete pra mãe.

Rejane: _Vê se tem a resposta de algum bilhete, que a professora mandou.

Rejane: _Que avanços você percebe nos alunos, do começo do ano até hoje, no geral? Tanto na alfabetização quanto no letramento.

Marlene: _Olha o avanço é na escrita do nome deles, uma boa parte já sabe o nome completo, é... o desenvolvimento do desenho. Trabalho muito com desenhos, esquema corporal.

Rejane: _Ah tá.

Marlene : _ Sistema corporal e o plano de fundo dos desenhos.

Rejane: Uhum.

Marlene: _ A linguagem oral dos meninos.

Rejane: _Melhorou muito?

Marlene: _Sim. Eles questionam, perguntam. Não aceitam muita coisa, não. Eles questionam, por que tem isso hoje. Por que não.

Rejane: _ Sugerem?

Marlene: _ Sugerem, como é uma turma que veio junto do ano passado, então assim, eles são muito amigos .

Rejane: _ É.

Marlene: _Se um briga o outro quer tomar partido. Se um tá triste o outro vai lá fazer carinho. Então eu vejo uma união deles.

Rejane: _Aham.

Marlene: _Mesmo quando tem algum desentendimento, ou mesmo nas brincadeiras, ou mesmo nas atividades.

Hoje mesmo, estes dias eu tenho observado; cada um tem uma bolsinha de lápis de colorir, lápis de escrever, com tesourinha, uma borracha.

E muitos agora estão usando, junta tudo numa bolsinha. E colorem de dois em dois.

E, eu por que?

E porque fica muito lápis, aí a gente empresta pro colega.

Rejane: _Aham.

Marlene: - _Eu achei..... .

Rejane: _Eles unem de duas pessoas, para parecer que está ajudando.

Marlene: _A princípio eu fiquei brava, depois eu achei bacana.

Rejane: _A cooperação.

Marlene: _Aí eu achei bacana, porque partiu deles.

Rejane: _Ah tá, a cooperação de emprestar.

Marlene: _É de ter uma bolsinha só para dois.

Rejane: _Ah tá.

Marlene: _Tem um para cada um.

Rejane: _E já estão compartilhando, né?

Marlene: _Então assim, tudo isso, é válido, pode. Porque no começo do ano, dava até briga, soco...

Rejane: Aham.

Marlene: _Por causa do material.

Rejane: _Juntaram os materiais de duas bolsinhas numa só. Para poder emprestar para o outro que está de dupla com ele.

Marlene: _Eu acho isso mito bacana.

Rejane: _É bacana mesmo!

Rejane: _É no caso você acha que dá mais importância para a alfabetização ou para o letramento?

Marlene: _Eu acho que sou meio termo, porque eu trabalho os dois.

Rejane; _Sim.

Marlene: _Porque um tá junto com o outro.

Rejane: _Por que tá intrínseco né?

Marlene: _Não tem como separar.

Rejane: _Aí você falou que não dá para separar.

Rejane: _Mas é uma concepção minha.

Você não acha que a alfabetização, acaba dando prioridade primeiro, para a partir dela a gente vem puxando o letramento?

É uma concepção minha, que eu acho que priorizei.

Marlene: _Eu acho que priorizei o letramento primeiro.

Rejane: _É..

Marlene: _Com as atividades que realizei com os meninos. Parti do o letramento, para no final, teve o registro, teve a palavra...

Rejane: _Ah é.

Marlene: _Teve a palavra.

Rejane: _Isso mesmo!

Tem hora que vejo que priorizei conhecer o A, o B, o C e tal, pra depois vir.....

Marlene: _Em outras atividades.

Rejane: _Depende da atividade!

Marlene: _Em outras atividades, eu já chego com as folhas e dou para os meninos fazerem, e vão pro quadro.

Rejane: _Depois vem o aonde é o uso disso né, por isso que a gente vai e vem. Uma hora gente usa mais um, em outra hora usa mais o outro.

Marlene: _Isso, tem certos momentos que a gente prioriza a alfabetização.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu,.....responsável pelo (a) aluno (a)
..... autorizo a gravar vídeo e fotos do (a) aluno (a)
citado. Para veicular a imagem em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de
pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrições.

Belo Horizonte, junho de 2014.

Ass: